

Cinema, Memória e Patrimônio: Guimarães em dois casos de estudo

O objectivo deste breve texto é analisar e explorar dois documentos cinematográficos muito particulares que estão depositados no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. Trata-se de dois filmes em película de 35 mm que, sem se saber muito bem em que contexto, foram depositados nesse arquivo e lá permanecem como peças únicas. A escolha destes dois filmes para análise não obedeceu a qualquer critério histórico ou cinematográfico. E colocar filmes lado a lado, constitui um objecto preciso, com consequências para o cinema e para a reflexão que sobre ele se debruça, constituindo um mecanismo através do qual cada filme provoca leituras no filme que o antecede ou sucede.

O primeiro filme data de Fevereiro de 1974, já no fim do Estado Novo, com a visita do então Ministro da Educação, Veiga Simão, a Braga e a Guimarães. O segundo filme, de 1953, documenta as comemorações do Milenário da Fundação e o Centenário da elevação de Guimarães a cidade. Se o primeiro nos situa apenas a dois meses do fim da mais longa ditadura da Europa e o segundo no auge da sua acção política, o diálogo entre ambos os filmes conduzem inevitavelmente a uma reflexão sobre a representação de Guimarães no cinema num quadro tão particular como foi o da produção ideológica do Estado Novo. Procurarei assim, lançar pistas de leitura para melhor enquadrar e contextualizar a produção e recepção destas imagens e destes discursos produzidos em épocas e circunstâncias muito diferentes.

1.

O primeiro dos filmes enquadra-se claramente do que então se denominava de “Jornal de Actualidades”, um género cinematográfico muito popular que, com principal incidência nas décadas de 30 e 40, marcava presença obrigatória nas sessões cinematográficas de todas as salas do país. Geralmente exibido no início do programa, estes “jornais compostos por imagens em movimento”, que se viam e não se liam, tornaram-se muito populares entre os frequentadores dos cinemas. Ainda que o Estado Novo tivesse apostado fortemente na sua produção, eram exibidos também *newsreels* de produção estrangeira, como eram conhecidos internacionalmente. Hoje, podemos comparar os jornais de actualidades aos “telejornais” e “grandes reportagens” que emergiram em força com a televisão. Mas, naquela época, estes foram os veículos privilegiados para transmitir mensagens políticas de forma muito directa e eficaz, onde eram divulgados os principais acontecimentos políticos e sociais na óptica do Estado Novo. Por esse motivo, na sua grande maioria, os jornais de actualidades eram encomendas de entidades públicas ou privadas com objectivos de propaganda muito declarados, desde a doutrinação ideológica até à publicidade. Quando não eram encomendados, eram patrocinados. Logo, através do poder de persuasão das imagens e da narração, os jornais de actualidades constituíram importantes interlocutores do discurso oficial dos seus promotores, garantindo uma penetração eficaz junto do público de cinema.

Justifica-se assim uma breve contextualização histórica sobre o assunto. O primeiro jornal de actualidades de produção portuguesa intitulava-se *Jornal do Norte* e surgiu em 1912, mas foi no período do Estado Novo que este género fílmico mais prosperou: *Actualidades Portuguesas* (1933-38), *Jornal Português* (1938-51), *Imagens de Portugal* (1953-70), *Actualidades de Moçambique* (1955-69) e *Actualidades de Angola* (1957-75). O jornal de actualidades em causa, que nem sequer tem título, relata a visita do Veiga Simão a Braga e a Guimarães e faz parte da *Voga Revista Cinematográfica*, uma produção de César Guerra Leal que entre 1971 e 1977 apresentou 68 filmes nas salas portuguesas. Nenhum dos números tem títulos, pelo que não é fácil identificar outros filmes que possam falar de Guimarães.

Apesar de marcarem políticas de informação diferentes, todos estes formatos de jornais de actualidade tinham por objectivo informar os portugueses residentes em Portugal metropolitano, colonos de África ou emigrados pelo mundo, dos principais acontecimentos da vida do país, sempre na óptica do Estado Novo. Entre os acontecimentos mais tratados encontravam-se episódios de cariz social, cultural e artístico. Apesar de uma

confusão repetida por alguns autores, a investigadora Maria do Carmo Piçarra (2006: 149) alerta que existe uma diferença entre o documentário (propagandístico ou não) e os jornais de actualidades, visto que embora assuma a forma de documentário, ao ter um registo de imagem real, o jornal de actualidades contemplava também outros géneros, nomeadamente notícias ou reportagens.

Recorde-se que com a implantação da Ditadura Militar em 1926, a censura instalou-se definitivamente em Portugal, estando apenas o chefe de Governo isento de censura. Contudo, o controlo repressivo do Estado Novo não actuou preferencialmente através do encerramento de jornais ou da prisão de jornalistas. Ao invés, recorreu à censura prévia e à manutenção de directores e chefes de redacção fiéis ao regime. E tal como outras esferas da política, o jornalismo foi-se anulado e restringido a um elenco de eventos programados pelo Estado (visitas oficiais, inaugurações, discursos da Assembleia Nacional, etc.). Segundo Luís Trindade (2006: 68), durante o Estado Novo, a “política tinha acabado enquanto confronto e escolha. Não enquanto festa e cerimonial.”

A visita do então Ministro da Educação, a Guimarães e Braga, decorre no contexto da instalação da Universidade do Minho nas duas cidades. As imagens do filme são desequilibradamente repartidas pelas duas cidades, uma vez que em 4 minutos e 28 segundos apenas 1 minuto e 3 segundos são dedicados a Guimarães. Em Braga, capital do Minho, Veiga Simão tinha como objectivo dar posse à comissão instaladora e ao Reitor da Universidade do Minho. E é desde o início manifestado adesão popular, capaz de legitimar a elite governamental quase a deixar de ser: “recebido não apenas por entidades de maior relevo na vida política, social, cultural e eclesiástica, militar de todo o Minho, como também apoteoticamente por milhares de pessoas”. As imagens corroboram a *voz off*, evidenciando as ruas do centro de Braga cheias de gente a atirar pedaços de papel para toda a comitiva, que se deslocava com dificuldade perante a multidão. As janelas e varandas das casas estão também repletas de mulheres e crianças.

As restantes imagens de Braga são maioritariamente dedicadas a cerimónias protocolares com discursos do Ministro e das principais autoridades políticas e eclesiásticas locais. Nas imagens referentes a Guimarães, não falta a habitual panorâmica inicial da cidade tomada a partir da Penha e imagens do Convento de Santa Clara, onde decorreram as cerimónias protocolares. Salienta-se que Veiga Simão se deslocou na companhia do então Secretário de Estado da Instrução e Cultura, Augusto de Ataíde Soares de Albergaria. Tal como em Braga, surgem imagens da população vimaranense em apoteose com a visita. Numa imagem mais pormenorizada surge Veiga Simão a abraçar diversos estudantes, crianças e adolescentes. Na imagem que se segue, o Ministro surge à varanda do Edifício dos Paços do Conselho a saudar a multidão que o aplaude. As cerimónias protocolares contam com o discurso do então Presidente da Câmara, Bernardino Abreu, cujo discurso enfatiza a educação como um “dos pilares de enriquecimento dos povos”. Posteriormente, o Presidente da Câmara entrega ao Ministro da Educação a medalha de cidadania honorária de Guimarães.





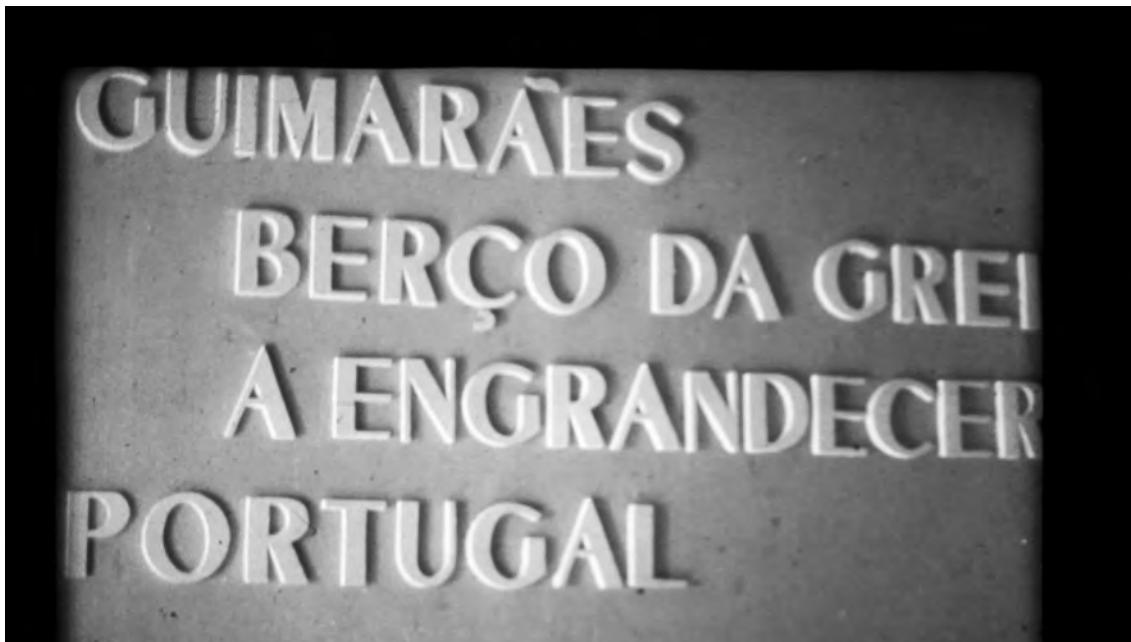


A visita do Ministro da Educação e do Secretário de Estado da Instrução e Cultura foi motivo de celebração popular “à moda do Minho”, com danças e cantares regionais. Podemos ver em pormenor um Rancho Folclórico que canta e dança a popular “Ó minha Rosinha”. Também são visíveis em breves instantes um cortejo com a presença da Fanfara dos Bombeiros Voluntários e o tradicional fogo de artifício. Assim, embora o foco seja a tomada de posse da Comissão Instaladora e do Reitor da Universidade do Minho, em resposta ao apelo de descentralização dos órgãos de ensino superior, são evidenciados o modelo ruralista, tradicionalista e nacionalista de cultura popular promovidos pelo Estado Novo, com o objectivo de legitimar um conjunto de valores culturais que enformavam a identidade portuguesa (Melo, 2001). E neste caso, o cinema também é um elemento central na construção do imaginário histórico popular.

2.

Em relação ao segundo filme, intitulado *Guimarães Berço da Nacionalidade*, é uma produção e realização de Felipe de Solms e Ricardo Malheiro, com o patrocínio da Câmara Municipal de Guimarães. Estes dois experientes produtores no género de filmes turísticos e institucionais trabalharam intensamente, durante as décadas de 50 e 60, como “tarefeiros” cinematográficos para o Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI) e outras entidades públicas. As centenas de filmes que produziram sobre diversas localidades e regiões de Portugal pretendiam constituir uma espécie de catálogo cinematográfico do país, registando os principais motivos de interesse histórico, paisagístico, religioso ou humano. Salienta-se que a voz *off* é de Artur Agostinho, que foi locutor, apresentador, jornalista, publicitário, ator e escritor muito associado ao regime do Estado Novo e uma das vozes mais populares do Portugal de então. A familiaridade dos portugueses com a voz do narrador era um elemento fundamental para o sucesso deste tipo de filmes propagandísticos, garantindo uma aceitação implícita e inconsciente do conteúdo da mensagem.

Datado de 1953, o filme pretendia registar para a posteridade as comemorações do milenário da fundação da cidade de Guimarães. Após o genérico, no primeiro plano do filme, surge a frase “Guimarães Berço da Grei a Engrandecer Portugal”, logo seguida da habitual panorâmica sobre o centro da cidade tomada a partir da encosta da Penha.



A frase, que remonta para o imaginário romântico em que o Estado Novo enquadrou Guimarães, inscreve o filme no registo propagandístico muito caro ao discurso do regime e, particularmente, do próprio António Oliveira Salazar, que surge indirectamente no filme através de uma citação que traça uma relação directa entre dois dos principais mitos fundacionais da nação – a batalha de São Mamede (1128) e a batalha de Aljubarrota (1385) – e a cidade de Guimarães, nas figuras dos reis D. Afonso Henriques e D. João I. Recorde-se que a Batalha de S. Mamede conduziu à autonomia política perante o Reino de Castela do Condado Portucalense, constituindo um mito fundador da Nação Portuguesa. Por sua vez a batalha de Aljubarrota levou a uma derrota definitiva dos castelhanos e à consolidação de D. João I como rei de Portugal. Ao triunfo português no campo de batalha ficaria associada Guimarães já que D. João I atribuiu à protecção divina de Nossa Senhora da Oliveira, razão pela qual ofereceu o seu loudel, a veste militar usada durante a batalha, e um altar em prata dourada, que mais tarde foram guardados pelo Museu de Alberto Sampaio. Assim se recorda mais um pilar de identidade nacional durante o Estado Novo: a afirmação perante a hegemonia castelhana.



Em termos visuais, o filme desfila os principais motivos de interesse da cidade. Em primeiro lugar, a Colina Sagrada, com o Castelo, a Capela de São Miguel e a estátua de D. Afonso Henriques forjada por Soares dos Reis. Importa salientar que na década de 30, no âmbito da comemoração do duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal foi realizada uma importante intervenção neste lugar. O conjunto habitacional de arquitectura popular que rodeava estes monumentos foi derrubado e levou-se a cabo a reconstrução do Castelo, do Paço dos Duques, da Igreja de S. Miguel do Castelo e da estátua de D. Afonso Henriques, que anteriormente estava no Largo do Toural e foi deslocada para a Colina Sagrada. Note-se que o Paço dos Duques de Bragança foi reconstruído de acordo com cânones muito contestados, dado que em nada se assemelha ao que poderia ter sido o paço primitivo.





Segue-se um segmento de arquitectura e arte religiosa, encabeçado pela Igreja da Nossa Senhora da Oliveira e do adjacente Museu Alberto Sampaio, aonde se encontra as colecções de arte sacra da extinta Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira e de outras igrejas e conventos da região de Guimarães. Neste segmento, figuram ainda a Igreja de São Francisco (erradamente referida no filme como Igreja de São Pedro) e o contíguo edifício da Ordem Terceira, o Asilo de Santa Estefânia, a Capela Santa Luzia, o Convento de S. António e o Santuário de Nossa Senhora da Penha.







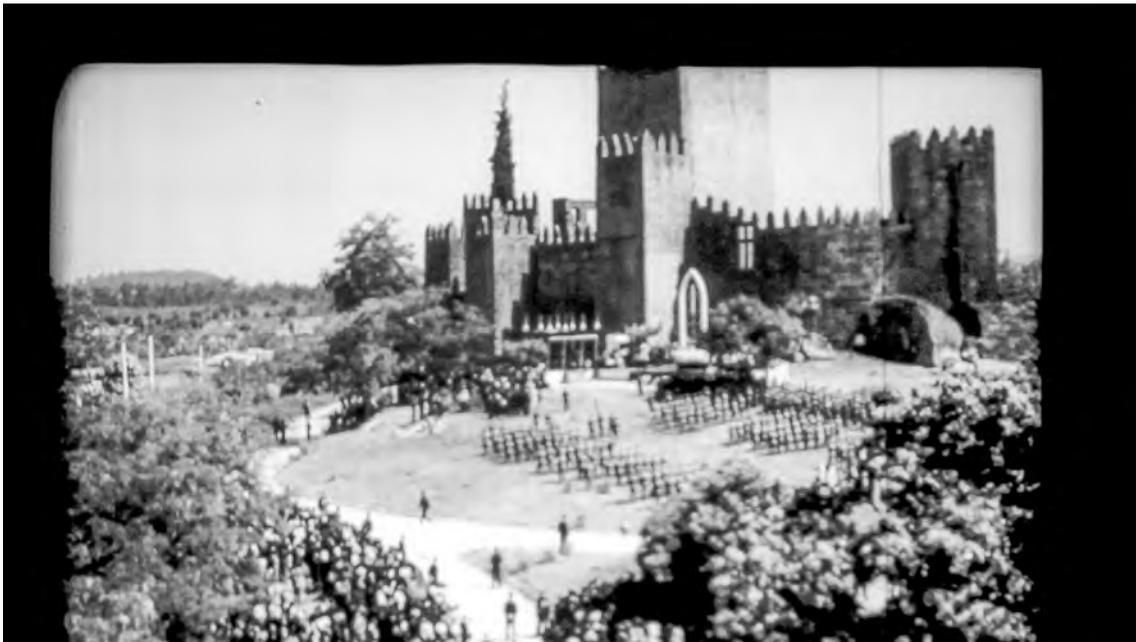
É importante ter presente que a Igreja Católica, no sentido da sua estrutura hierárquica constituída por cardeais, bispos, padres e eclesiásticos responsáveis por diversos organismos religiosos nacionais ou sectoriais, foi um dos pilares fundamentais do Estado Novo. Segundo Rosas (2012: 257-280), esta relação teve duas fases: consolidação da “união moral” entre 1926 e 1958 e crise entre este ano e 1968. Assim, num primeiro momento, apesar da Constituição de 1933 ter consagrado Portugal como um estado laico, ocorreu uma evolução formal e orgânica ao longo das décadas seguintes que assimilou a Igreja, progressivamente, na estrutura ideológica do Estado Novo. A Concordata e o Acordo missionário assinados em 1940 foram a consagração legal e simbólica deste processo que conferiu ou restituiu vários privilégios à Igreja (Torgal, 2009: 423).

Seguem-se imagens da Sociedade Martins Sarmento, “foco de cultura e instrução”, e do seu museu arqueológico com o espólio desenterrado por Martins Sarmento nas prospecções que realizou na Citânia de Briteiros, no Castro de Sabroso e em inúmeros sítios arqueológicos do Noroeste de Portugal e do Convento de Santa Clara, que na época ainda funcionava como Liceu. E ainda, espaços emblemáticos da cidade como a Alameda de São Dâmaso, a Rua de Santa Maria e o Largo do Toural, “o centro da vida cidadina”, e os antigos Paços do Concelho.



A voz *off* acompanha os monumentos e inaugura o filme com as seguintes palavras: “Guimarães, o núcleo milenário que antecedeu, com todas as características de povo rático, é o útero emblemático da pátria”. Recorde-se que este filme documenta a comemoração do milenário da fundação e o centenário da elevação a cidade. Neste contexto, a cidade convidou solenemente o então chefe de Estado, General Craveiro Lopes, a inaugurar as comemorações, que aí se deslocou no comboio presidencial. Tal como no filme anterior a adesão e manifestação de apoio popular são fortemente evidenciados: as mulheres colocaram às janelas, “os mais ricos damascos” e lançam flores sobre o carro presidencial. Contudo, o que mais é salientado por esta narrativa fílmica é como a cidade de Guimarães se confunde com o mito fundacional da nação: “o General Craveiro Lopes, na torre de menagem, içou a bandeira da fundação. E nesse momento, nas torres do castelo aonde Afonso Henriques lançou o bravo da independência de Portugal, o Império sentiu-se mais forte...” A amor à cidade e o trabalho dos vimaranenses é louvado, dado que após um incêndio, reconstruíram a praça de touros em apenas quatro dias.









As imagens mostram ainda as iluminações das festas Gualterianas e o seu cortejo alegórico, salientando “as graciosas raparigas vimaranenses”, “os carros alegóricos aos quais uma varinha mágica dá movimento alegria e bom-gosto”, convidando turistas e visitantes. E por fim o fogo-de-artifício.

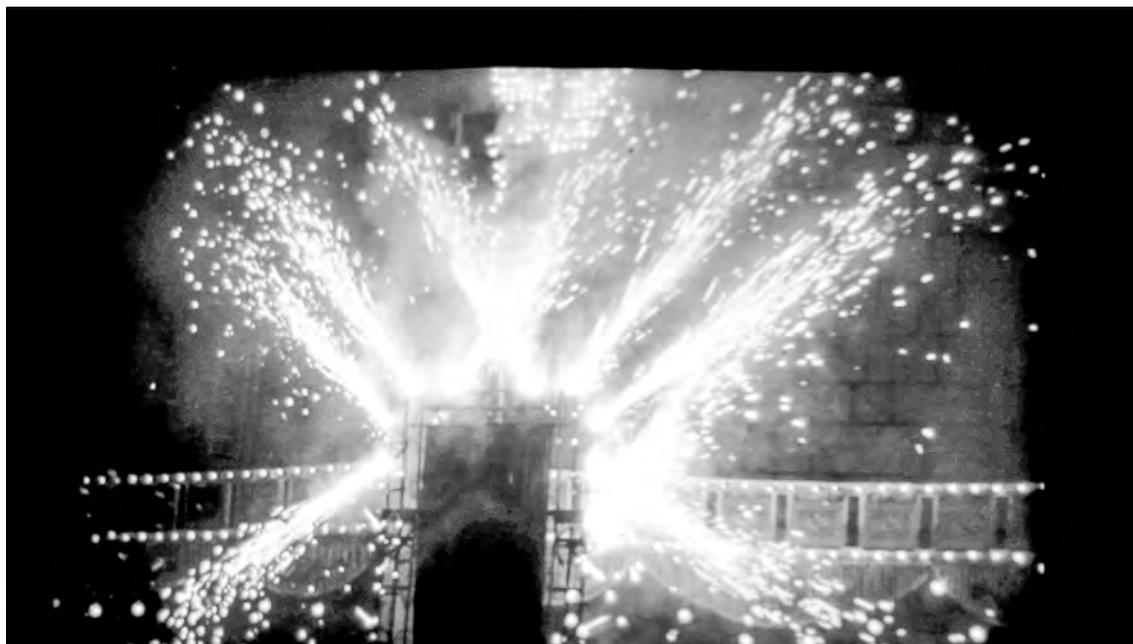




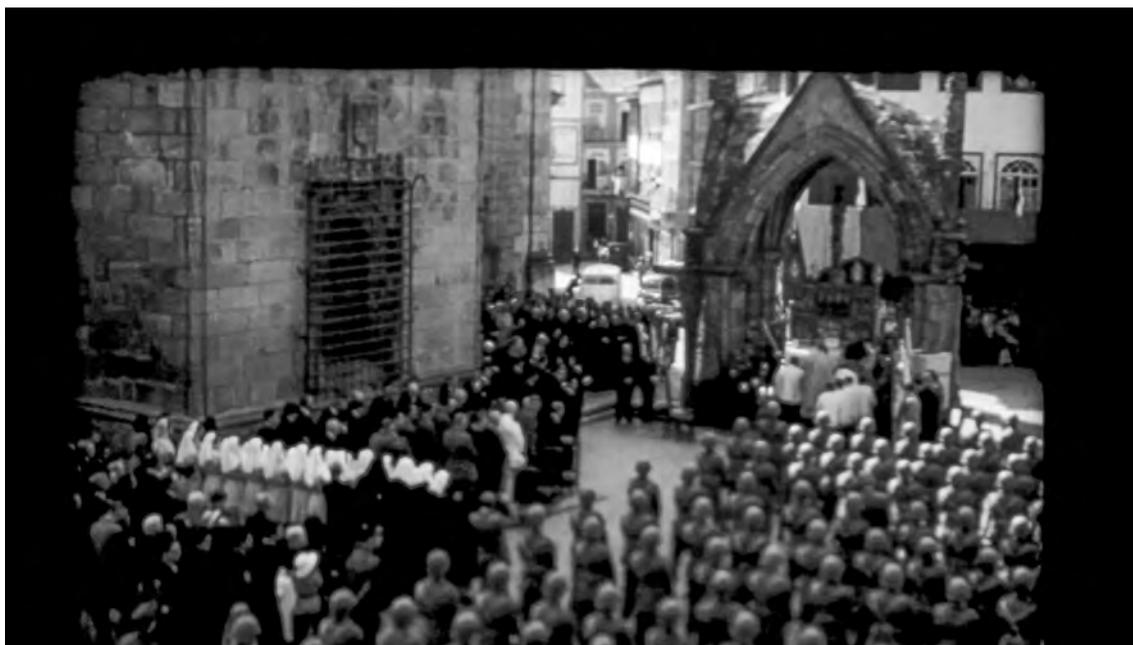








A imagem seguinte são as comemorações da batalha de Aljubarrota, com uma missa campal na Praça de Nossa Senhora da Oliveira, estando o altar colocado no Padrão do Salado. Este foi erguido por iniciativa de D. Afonso IV de Portugal para comemorar a vitória na Batalha do Salado, em 1340. Obviamente que estão presentes todas os representantes da sociedade civil. Mas ao contrário do que seria de esperar não há uma grande massa popular; ao invés um elevado número de militares está presente, atestando a sua subordinação e obediência ao Estado e como manifestação do poder armado do regime.



No filme, é ainda referenciado que por iniciativa do Presidente da Câmara de Lisboa, muitos presidentes de todo o país visitam Guimarães, juntando-se às efemérides. E por fim, se as comemorações foram inauguradas pelo Chefe de Estado, serão naturalmente encerradas pelo Chefe da Igreja, o Cardeal Patriarca de Lisboa, que irá prestar graças pela fundação da cidade. Beijado nas mãos por mulheres e crianças, é também alvo cinematográfico de uma forte adesão popular. E preside à Procissão de Nossa Senhora da Oliveira, que irá encerrar o filme com a frase em voz *off*: “Guimarães berço de Portugal é um nome que torna mais firme a consciência dos Portugueses”.

Qualquer projeto nacional implica a construção de uma memória política colectiva. E a nação legitima-se através de uma politização do passado que naturalmente encerra inúmeras ambiguidades. Importa ter presente que o papel do passado histórico na construção de uma identidade colectiva assenta num contraste entre o peso das versões nacionalistas da história de Portugal, ‘inventadas’ pelo Estado Novo, e a ausência de memória histórica do mesmo enquanto regime ditatorial.

3.

Através destes dois filmes, podemos reconhecer os instrumentos que estiveram ao serviço de estratégias de dominação, remetendo-nos para a construção de limites e das relações de poder subjacentes aos mesmos e de como estes procuram garantir a manutenção da ordem do Estado Novo. Quando se diz que Guimarães é o “berço da nação” toma-se como algo adquirido, negligenciando-se por completo o processo que originou essa construção ideológica. Ao colocar estes dois filmes em diálogo, os ecos ideológicos que emergem e unem permitem nos compreender como Guimarães e os seus monumentos históricos, com especial enfoque na Colina Sagrada, foram instrumentalizados pelo Estado Novo para promover o mito fundacional da nação. E o cinema foi um dos instrumentos que possibilitou impor um projeto político que pretendia sustentar e ser sustentado por uma fortíssima identidade nacional.

BIBLIOGRAFIA

- MELO, Daniel. 2001. *Salazarismo e cultura popular (1933-1958)*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- PIÇARRA, Maria do Carmo. 2006. *Salazar vai ao cinema. O Jornal Português de Actualidades Filmadas*. Coimbra: Minerva.
- ROSAS, Fernando. 2012. *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*. Lisboa: Tinta-da-China.
- TORGAL, Luís Reis. 2009. *Estados Novos, Estado Novo. Vol. I*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- TRINDADE, Luís,. 2006. *Primeiras Páginas: O Século XX nos jornais portugueses*. Lisboa: Tinta-da-China.